

# PENSAMENTO E ARTE EM MEDIAÇÕES DE LEITURA

ENTREVISTA COM REGINA RENNÓ

THOUGHT AND ART IN READING MEDIATIONS

INTERVIEW WITH REGINA RENNÓ

*Maria Zilda da Cunha<sup>1</sup>*

*Regina Célia Ruiz<sup>2</sup>*

---

1 Docente na Universidade de São Paulo, na área de Literatura Infantil e Juvenil e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa.

2 Doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, área de Literatura Infantil e Juvenil – Universidade de São Paulo (USP).



A Revista Literartes, ao confirmar o seu propósito de promover discussões interdisciplinares acerca da produção literária para crianças e jovens, traz, nesta 13ª edição, a discussão sobre o ensino de leitura e a formação do leitor literário e convida Regina Rennó para um diálogo que envolve a literatura e suas interfaces com outras linguagens artísticas.

A mineira Regina Rennó nasceu em Itajubá. Filha de educadora, mãe de quatro filhos e avó do pequeno Nino, é formada em Artes Plásticas pela *Fundação Escola Guignard* e em Cinema pela *Escola Livre de Cinema de Belo Horizonte*. Regina destaca-se como artista plástica, ilustradora, escritora, roteirista e diretora de cinema. Já foi finalista do *Prêmio Jabuti de Ilustração* e possui várias indicações para o selo de *Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil*. Dentre seus livros, estão: *Que planeta é esse*; *Gato de papel*; *História de amor*; *Como se fosse gente*; *Pê, o pato diferente* e *João das Letras*. Realiza trabalhos em parceria com outros autores como em *Com a lua nos Olhos*, ilustrando poemas de Roseana Murray. Os livros *História de amor* e *Gato de Papel* estão relacionados no catálogo *Literature And The Family* - USA. No cinema, destacamos sua participação nos curtas-metragens *Mu-*

*lher de bronze* (como roteirista e diretora) e *O preço do sorriso* (roteirista e diretora). Também participou das longas-metragens *Fora de ordem* (direção de arte) e *A luz dos olhos meus* (roteiro e direção). Trabalhou na Secretaria da Cultura de Ribeirão Preto e atuou como diretora do MARP, o Museu de Arte de Ribeirão Preto. Neste ano, a *Coleção Ludo Ludens*, uma parceria com Regina Otero, está com uma edição renovada e com selo comemorativo de 25 anos, pela Editora do Brasil. Mora em Gonçalves, Minas Gerais e, na sua galeria, no centro da cidade, expõe suas obras de arte, livros, abrindo espaço, também, para outros colegas artistas. Em 2019, foi homenageada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), com a exposição *Homens de Toga, Lua de Barro e Produção Literária*, quando todos os visitantes puderam conhecer mais de perto o seu trabalho.

Regina Rennó nos concedeu esta entrevista, por áudio<sup>3</sup>, em 14 de dezembro de 2020, quando tivemos a oportunidade de conhecer melhor sua obra, assim como sua atenção voltada à formação do público infantil.

**1. Em primeiro lugar, ressaltamos a nossa imensa satisfação ao entrevistá-la e agradecemos por nos conceder esse diálogo que, com certeza, incitará importantes reflexões acerca da produção literária para crianças e jovens, contribuindo para esta edição da Revista Literartes. Retomando o seu percurso, é notória a sua preocupação com uma percepção mais sensível voltada para o universo da arte em suas múltiplas formas, propiciando o desenvolvimento de uma sensibilidade estética, não somente em adultos admiradores de sua obra, mas também em crianças e jovens, ainda em formação enquanto leitores literários. Assim, gostaria que você falasse um pouco sobre a sua trajetória e a sua relação com a literatura, pintura, ilustração.**

---

3 Carolina Xavier de Oliveira Longatti, Mestranda do Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa – FFLCH – Universidade de São Paulo – participou da transcrição dos áudios desta entrevista.

Eu me formei na escola de Artes Plásticas em 1979. No final de 81, começo de 82 eu já tinha sido chamada para ilustrar o primeiro livro pela Editora Miguilim que, aliás, eu acho que foi uma das primeiras editoras do Brasil a publicar só Literatura Infantil e Juvenil. E Belo Horizonte abraçou esse momento da Editora com suas publicações de livros infantis e juvenis de autores do Brasil inteiro, e ainda havia a promoção de debates e ótimas conversas. Logo depois, veio a Editora Lê, seguida de várias outras editoras. Meu primeiro trabalho em São Paulo foi na FTD. E a produção era grande, era uma festa, então já tinha uma conversa muito maravilhoso! Eu pude ver isso bem no princípio em Belo Horizonte. Antes de me mudar para São Paulo. Eu e a ilustradora Ana Raquel criamos uma oficina de ilustração que foi um sucesso na época, porque muita gente foi trabalhar com a gente, muitos artistas plásticos. Recebemos Ronaldo Simões Coelho, Ângela Leite de Souza e vários autores, chegamos a produzir e ilustrar 22 títulos que saíram de uma só vez publicados pela Editora Lê. Não eram só autores mineiros. Eram autores do Rio de Janeiro, de São Paulo também. Fizemos um programa de rádio ao vivo com o lançamento de vídeos que eram 25 títulos produzidos na oficina de ilustração que Ana Raquel e eu coordenávamos. Foi uma eferescência na época, além de prazeroso. Na mesma época em que tudo isso acontecia, em Belo Horizonte, eu começava a ilustrar para outras editoras como Ática, Scipione, FTD (para a qual eu nunca deixei de trabalhar, aliás, o meu primeiro livro saiu pela Editora FTD), todas em São Paulo, fato que me levou a mudar para a capital paulista. Foi um trabalho que foi só crescendo. Mas antes de eu sair de Belo Horizonte, ainda participei do Festival de Inverno da Universidade Federal de Minas Gerais (famoso e antiquíssimo festival). Nesse ano, o festival aconteceu em Diamantina. Foi a primeira oficina de ilustração de livros no Festival de Inverno da UFMG, e foi um grande sucesso. Ana Raquel coordenava comigo a oficina e, junto com o Mário Vale, éramos os professores e de lá saíram muitos ilustradores. Esse caminho da ilustração, para mim, veio desde o princípio. Meu filho mais velho, o Thiago, devia ter um ano e pouquinho quando eu comecei a ilustrar. O primeiro lan-

çamento do qual eu participei foi na Miguilim, que lançou o livro de Wania Amarante, do qual eu era ilustradora, e um livro da Roseana Murray, que a Paula Saldanha ilustrou. Esse foi o primeiro lançamento da minha vida do qual participei, foi um processo maravilhoso! Tudo isso levou-me para São Paulo e me abriu portas e portas. Eu não tenho noção de quantos livros eu illustrei de lá até aqui. Posso dizer que sou autora e ilustradora, produzo textos verbais e imagéticos, construo narrativas, mas não sei a quantidade. Perdi a conta. Foram muitos livros, eu trabalhei sem parar desde essa época até agora com o livro infantil

**2. Você tem desenvolvido um projeto que conduz a novas percepções, reverberando na formação do leitor literário. Refiro-me às oficinas que você oferece apresentando o processo de criação de um livro ilustrado. Gostaria que nos contasse um pouco sobre esse projeto, a recepção das crianças e as suas impressões após cada encontro. Como você dialoga com esse público mais jovem, promovendo um novo olhar aos elementos artísticos que se apresentam em diferentes suportes como a tela e o objeto livro?**

No meio do curso de Artes Plásticas que realizava, recebi um convite para participar do Centro de Pesquisas N'atividade, em Belo Horizonte, mais conhecido como Passaredo. Era um espaço para criar, vivenciar experiências materiais, e todas as possibilidades de material. Havia uma biblioteca, e espaço de contação de história. Não eram só crianças, recebíamos adultos também. Foi uma experiência muito rica, porque, dentro das artes plásticas, eu vivenciei coisas que talvez eu não soubesse até hoje se eu não tivesse passado por ali. Os materiais ficavam disponíveis e a diversidade era grande: materiais naturais, sucata, vidro e outros que eram possíveis de serem transformados em outra coisa. E nós oferecíamos os materiais para as crianças, dando somente orientações básicas e elas criavam livremente, conversando, dando nomes e contando histórias. A argila era um dos materiais mais amados pelas crianças para construírem suas histórias. Me lembro muito

de uma criança desenhando o jogo de futebol, uma das coisas mais extraordinárias que eu vi uma criança fazer... O jogo começou com um jogador e a bola. A bola ia andando por todo o papel, e então o jogo ia acontecendo. Quando esse jogo acabou era um desenho absolutamente abstrato, porque já não tinha nada muito claro, o que importava era o jogo que a criança foi construindo à medida que desenhava. E o final não era mais importante, o desenho deixou de ser importante e isso que era fantástico de ver. Quando damos espaço para a criança e a acolhemos no seu momento de criação, tudo fica extraordinário. E eu vivi isso durante nove anos. Todo esse tempo trabalhando dessa maneira, experimentando materiais, acompanhando as crianças de uma biblioteca e era incrível, porque ninguém pedia silêncio, era um centro de criatividade. As pessoas ali dentro podiam conversar, trabalhar conversando ou não, do jeito que elas quisessem. Quando elas passavam as páginas dos livros, fazia um barulho de rio e era muito bonito, era quase uma água, era lindo, porque parece que estavam envolvidas com os livros, com histórias. Quando elas passavam a página, me dava uma sensação de que cada virada de página era um voo. O livro ia saindo da matéria e ia voando e é, com certeza, o que acontecia dentro da cabecinha delas, porque os olhos brilhavam e era muito bonito isso, era muito gostoso de vivenciar, foi uma experiência na minha vida que me acrescentou muito. O trabalho que eu fiz aqui em Gonçalves, com as crianças, me fez lembrar muito desse lugar que eu trabalhei, onde eu aprendi muito sobre o momento da criação de cada um, o respeito que a gente deve ter pelo outro, pelo que o outro vê, pelo que o outro sente e pelo que ele cria e isso meio que norteou o meu caminho dentro de todo meu trabalho.

**3. Você possui diversas publicações premiadas e, dentre elas, muitas são utilizadas em escolas. Em sua opinião, como o seu trabalho como ilustradora e artista plástica auxilia na formação do leitor literário?**

No meu entendimento as coisas não deveriam ser separadas. Eu tenho uma experiência com a Galeria de Arte que abri. No princípio, eu queria apenas mostrar o meu trabalho de artes plásticas, mas as crianças começaram a frequentar a galeria, o que foi uma das coisas mais gostosas que me aconteceu. As crianças me conhecem porque faço oficina com elas na biblioteca. Quando elas vêm visitar a cidade, veem o meu nome na placa da galeria, entram e encontram os meus livros. Não tenho ideia de quantas crianças me conhecem, mas sei que são muitas até porque vou a muitas escolas do país. Um dia algumas entraram correndo na galeria. Elas olhavam para mim, olhavam para os quadros e me perguntaram se eu era Regina dos livros, e eu falei que sim, que eu era a Regina. Olha que barato isso. Foi incrível e, de repente, essas crianças chamaram outras crianças e entrou uma turma enorme para conversar comigo e começaram a fazer perguntas, e olhar as obras, os livros. A galeria é um lugar onde as crianças frequentam e podem entrar sem nenhum problema. Montei lá uma estante com os livros, então qualquer pessoa que entrar tem acesso tanto aos trabalhos de parede quanto aos livros. E é incrível como todo mundo se envolve com as duas coisas... Colecionadores de arte também param em frente à estante de livros e isso é uma coisa incrível, pois nesse mercado sempre ficam separados os livros e as artes plásticas. Os pais se sentam com as crianças, contam histórias e tudo isso acontece ali, no meu espaço, que não é grande, mas é aconchegante. Ali dentro eu percebi que as duas coisas não precisam viver separadas porque ambas são produções artísticas, tanto o livro quanto as artes plásticas. Por que existe essa separação? Claro que existem grandes bibliotecas que têm obras de arte, que têm o espaço para obras de parede, obras de artes visuais, mas isso não é muito comum, em geral não é comum, então eu fico pensando que isso me abriu uma luz. Uma vez eu recebi a visita de uma senhora que não falava português e alguém traduziu um dos meus livros para ela, um que tinha texto, e no fim ela comprou o livro, acho que era um livro da FTD. Ela me perguntou se podia levar e passar o livro para o japonês, pois tinha gostado muito. Era uma possibilidade de levar o livro para o Japão.

Eu expliquei que não era um problema só meu que eu tinha que falar com a editora, mas que ela ficasse à vontade para traduzir para o japonês. Então muitas coisas aconteceram dentro desse espaço e foi ficando cada dia mais agradável. Passou a ser um ponto de encontro onde as pessoas conversam, leem os livros, e acabam levando outras pessoas para conhecerem as obras. Eu recebo curadores, críticos, professores e todos se envolvem com os livros e as artes plásticas. Não sei por que as coisas têm que ser tão separadas, não deveria ser assim. Uma coisa que eu acho um pouco triste é quando há uma Mostra de ilustração e ela não vem misturada com uma Mostra de artes plásticas...Por que não? A única diferença é que uma tem uma narrativa que é apresentada em sequência, a outra não. Eu não vejo nenhum problema, mas existem ainda alguns tabus, alguns preconceitos, mas eu acho que as coisas vão mudar muito, já estão mudando, eu acredito e espero que sim. Mas, pelo menos dentro do meu espaço, eu constatei que tudo pode andar perfeitamente junto.

**4. A discussão sobre palavra e imagem promove uma relação indecifrável, pois transita entre elementos que se relacionam sob diferentes formas, suportes e percepções. Ao pensarmos nas conexões entre palavra e imagem, somos remetidos a um percurso da nossa própria memória, à linha tênue que compõe a trajetória da vida. A partir dessa reflexão, você diria que há ecos das suas memórias na sua produção artística?**

Eu sempre achei que toda minha vida influenciou no meu trabalho e continua influenciando. Eu era uma criança que lia contos de fadas, eu amava os contos de Grimm e, principalmente, porque as ilustrações eram belíssimas, então eu mergulhava naquilo, eu lia e relia muitas coisas porque minha mãe nos proporcionava isso. Nós não tínhamos tantos livros, mas eram livros importantes e essas leituras influenciaram muito a minha vida. Naquela época eu morava em frente a uma chácara, a primeira casa em que eu morei desde que eu nasci era essa casa, eu acho que por uns 8 anos eu morei lá, então a

gente brincava muito na área rural e ali era fantástico, porque todos os personagens dos contos de fadas “apareciam” no meio do mato, e a gente tinha tanto medo como se eles fossem reais. Eu vivia intensamente esse medo, o que era fascinante porque, na verdade, a gente vivia as histórias. Eu tinha muito medo do Saci porque diziam que quando ele aparecia, levantava uma poeira e tudo rodava e a gente acreditava que aquilo era real. Era uma mistura da realidade com a ficção. E como que a gente não carrega isso para vida? Claro que carrega tudo, absolutamente tudo. Todos os gigantes das histórias que eu li entraram na minha vida, eu acho até que o meu traço de ilustração tem uma influência grande das ilustrações dessa época, dos contos de fadas, do que eu lia. Não que eu quisesse imitar, era um movimento natural. Eu acho que, como a ilustração, tudo que eu escrevo me remete a alguma coisa do passado vivida ou lida. Em geral, as histórias eram de muito medo, eu era uma criança medrosa, mas ao mesmo tempo eu procurava essas histórias. Eu tinha um certo fascínio por essa coisa estranha que causava dentro da gente.

**5. Quando pensamos na formação do leitor, sempre somos remetidos a crianças e jovens, mas não podemos nos esquecer da figura do professor e do mediador de leituras que possuem a tarefa de apresentar aos jovens leitores o encantamento pelos livros. Nas suas visitas às escolas, como tem percebido a formação desses profissionais, principalmente no que diz respeito ao olhar afinado para o universo da ilustração?**

Eu sempre fui muito feliz com as minhas idas às escolas, e eu andei por muitas escolas deste país e sempre voltei muito animada e com muito mais vontade de trabalhar. Era muito prazeroso esse contato com as crianças, com os professores, sempre foi muito bom, muito produtivo. Mas teve um caso que me chamou a atenção. Foi a representação teatral que as crianças de uma escola da periferia de Belo Horizonte fizeram de um livro meu. Eu quase morri, porque as crianças não falavam. Como o livro não tinha palavras, as crianças faziam o som: “*hum hum*” com a boca e eu fiquei apavorada.

Mas eu fiquei apavorada naquele momento porque não queria decepcionar as crianças, porque elas tinham feito o trabalho e não tinha como conversar com a professora responsável sobre isso, porque não dava tempo, não tinha como, era uma escola na periferia de Belo Horizonte, de difícil acesso. Infelizmente não foi possível nenhuma conversa e eu lamentei não ter a oportunidade para conversar. Fiquei com muita pena de não poder ajudar essa professora em relação ao olhar dela para um livro de imagem. Mas, em geral, sou muito feliz quando vou às escolas, o envolvimento das crianças é imenso. Elas perguntam muito e eu tenho facilidade para me comunicar com elas, então sempre vira uma conversa boa para os professores participarem. Eu só tenho respostas boas em relação a isso de toda minha andança por esse Brasil para falar dos livros, tanto das imagens, quanto texto e o que mais me encanta é que o peso desses dois são o mesmo. Quando eu vou à escola, não tem nenhum mais importante do que o outro, a imagem passa a ser tão importante como se tivesse texto, porque, na verdade tem, há um texto que está ali para ser falado pela criança, inventado e criado pelo leitor. Então eu sou muito feliz com esse trabalho, não tem nenhum caso, a não ser esse que foi o único em centenas.

**6. Você realiza um trabalho artesanal produzindo arte com materiais diversos. Esses suportes transformam-se em companheiros do seu percurso artístico, plasmam a sua arte, assumindo novas figuras, texturas e formatos. O que cada um oferece dentro de suas possibilidades e limites? E como fica a recepção do público infantil e juvenil diante de todo esse trabalho?**

O meu trabalho começa quando eu encontro um material que me agrada muito. Eu fui uma criança que tinha acesso a coisas da natureza. Imagina que na frente da primeira casa onde eu morei, onde eu também nasci, tinha tabatinga, uma argila branca. E com ela, nessa época, eu já construía brinquedos, bichinhos. Meu pai era extremamente criativo, ele criava brin-

quedos de madeira, de sucata e era tão fantástico isso, porque, na verdade, qualquer coisa que tivesse dentro da minha casa, qualquer pedaço de legume virava um bichinho. Meu pai transformava tudo e acho que isso acabou ficando uma coisa natural para mim. Desde pequena eu convivo com essa ideia de aproveitamento de todo material. Claro que, durante muito tempo da minha vida, eu trabalhei no suporte papel à tela, mas depois eu fui me soltando, porque fui amadurecendo e quando a gente amadurece, nos tornamos mais livres, e eu fui experimentando suportes diferentes, mesmo com os livros. Os meus livros não são só desenhados, eu uso objetos, eu uso tudo, eu uso fotografia. E eu não sou uma fotógrafa, eu não tenho nenhuma intenção de ser uma fotógrafa. Quando eu fotografo não é para a fotografia ser belíssima, perfeita, é só para me ajudar a compor uma página. Às vezes os fotógrafos ficam meio chateados comigo porque eles acham que eu deveria mandar fazer a fotografia, para ter um produto de melhor qualidade. Mas não é a fotografia o importante na minha ilustração. Quando ela é inserida no meu trabalho, é um componente e então eu não fico preocupada com isso. A qualidade é aquilo que me satisfaz naquele momento. Eu tenho um livro em que eu usei sucata de madeira para fazer a ilustração. Eu misturo coisas há muito tempo e gosto de brincar com isso. Eu tenho muito material de ilustração, o que é incrível! Eu tenho caixas de ilustrações que não são de papel e é difícil armazenar tudo isso. Mas, na verdade, ilustrar é meu brinquedo, um brinquedo delicioso de viver. Nas artes plásticas é a mesma coisa. Quando as crianças olham para uma obra minha, acham brinquedinhos colados no meu trabalho. Eu usei muitos restos de brinquedo dos meus filhos, eles estão nas minhas peças de artes plásticas. Nas ilustrações eu também gosto muito dessa mistura. Acho isso interessante para a vida, pois me dá muita liberdade de fazer aquilo que tenho vontade de fazer.

**7. As ações voltadas ao fomento de leitura, divulgação de obras literárias, mediação de leitura, incentivo às bibliotecas ainda carecem de atenção. Muitos livros, atendendo ao mercado editorial, recebem uma**

**abordagem pedagógica que os delimita a faixas etárias específicas, restringindo o acesso e a propagação das infinitas possibilidades de leitura. Pelo seu olhar, como fica o papel do ilustrador dentro desse processo educacional em que vivemos?**

Eu considero questionável essa abordagem pedagógica que delimita os livros infantis por faixa etária, principalmente quando se trata de livro de imagem. Digo isso porque tenho uma produção grande de livro de imagens e muita experiência em frequentar escolas e ter o retorno de um trabalho feito em cima da narrativa visual e percebo que o livro de imagem é tratado como objeto que serve apenas para criança pequena e não é isso. As histórias não são histórias só infantis, são histórias abertas e falta um pouco de cuidado em relação a isso. A própria escola, às vezes, tem um olhar inseguro em relação a aceitar o livro de imagem dentro de uma turma um pouco maior, um pouco mais velha do que a do Ensino Infantil, mas não procede, eu tenho experiência com alunos do Ensino Médio, não uma experiência só, mas várias experiências de passar uma narrativa de imagem no telão e colher deles um retorno surpreendente, contar histórias, se soltarem e se identificarem com a narrativa e sem nenhum preconceito com os desenhos. É importante que se tenha um olhar um pouco mais generoso para esse tipo de produção, acho que não se deveria fechar para uma determinada faixa etária, deveria deixar aberto. Eu tenho outras experiências com livros de imagem trabalhados em outros setores do Ensino Fundamental e Médio e com um retorno muito favorável, muito positivo, fora o que eu presencio na minha galeria, a paixão que os adultos desenvolvem pela narrativa visual. Na maioria das vezes, nem conhecem o livro de imagem e ficam surpresos, isso abre uma porta muito grande, abre uma possibilidade enorme de que esses livros possam voar por lugares que, às vezes, estão sendo impedidos de voar, porque, tecnicamente, eles são avaliados como narrativas para atender a só uma faixa etária.

**8. Após 25 anos, a coleção Ludo Ludens ganha o selo comemorativo e um novo lançamento. Como você percebe a recepção desses livros no universo literário?**

Acho que foi por volta de 1992 ou 1993, quando eu recebi uma proposta de uma editora, onde eu já publicava alguns livros. Pediram para que eu reunisse alguns autores de Literatura Infantil para produzir uma coleção que trabalhasse o bullying, um tema que estava muito em evidência na época, um movimento importantíssimo de ajuda às crianças. Eu fiz essa proposta para alguns autores que eu conhecia, mas não foi muito fácil, porque eles estavam em outra linha de trabalho. Na época, eu já tinha um contato com a psicóloga Regina Otero, pois ela atendia o meu filho Pedro e eu achava muito bacana o trabalho dela, eu tinha um respeito muito grande pela maneira como ela trabalhava, como ela conduzia o tratamento e vi que era uma pessoa muito aberta. Então eu a convidei para participar comigo, se aventurando e criando uma coleção sobre bullying. Nós fizemos três volumes juntas e um deles eu fiz sozinha. Mas esses três foram de muita conversa, muito estudo, muita pesquisa e a gente teve muita sorte. Acabamos lançando essa coleção no momento em que era importantíssimo falar sobre bullying, e os livros tiveram uma adoção imensa durante 25 anos. Há pouco tempo, a editora me chamou de novo, já são outros editores, jovens, maravilhosos e com a proposta de que essa coleção fosse renovada. Eu achei interessante porque, claro, depois de um período de 25 anos de uma coleção que trabalha um assunto comportamental, muita coisa aconteceu, muita coisa mudou. Foi bacana a gente voltar a trabalhar esse mesmo tema, não só o bullying, mas eu acho que, dessa vez, a coleção ficou muito mais aberta. Trabalhamos o que eu acho mais importante, que são as diferenças individuais e, dentro dessa proposta, não foram só atividades em que as crianças participam respondendo, se colocando, mas tem também, em cada um dos volumes, uma pequena narrativa visual em que a criança tem total liberdade para criar uma história, o que é muito gostoso, porque o livro fica com muito mais espaço

para a criança se perceber, para falar das coisas dela e perceber os outros. Eu fiquei muito satisfeita com o resultado. Eu e Regina trabalhamos juntas os volumes *Ninguém é igual a ninguém*, *Apelido não tem cola* e *Coração que bate sente*. Apenas de minha autoria é o *Você pode escolher*, mas eu segui na mesma linha dos outros. Os quatro livros fazem parte dessa coleção, e eu fiquei muito feliz por fazer esse trabalho. Foi difícil porque esses livros foram produzidos no meio de uma pandemia e nós todos isolados. O mundo pedindo socorro, as crianças presas nos apartamentos, as escolas mudando o sistema para atender os alunos que já não podiam frequentar as aulas presenciais. Muita conversa e muita busca, mas todo mundo seguindo um caminho, sem saber se ele daria certo ou não, enfim os resultados estão aí, alguns deram muito certo, outros não, mas, em relação ao nosso livro, ele veio no momento certo, parece que foi uma coisa de providência divina. Já era para esses livros terem sido produzidos em outro momento e eles acabaram saindo durante a pandemia. Foi grande a nossa responsabilidade de colocar essas questões no livro, que seriam de imensa importância para as crianças. E nós começamos a colher alguns retornos, que são muito bons, favoráveis. É bom saber que fazemos alguma coisa que faz bem para o outro. Na minha vida isso sempre me fez muito bem. Eu acho que todo trabalho sempre é para o outro. Depois que o autor, o artista plástico cria, vai para o mundo, é do outro, não é mais da gente. Esse trabalho da coleção *Ludo Ludens* trouxe uma alegria muito grande. Ela sai agora com o selo de 25 anos no mercado, sendo muito adotada nas escolas. Eu tenho retornos fantásticos, eu acho uma delícia encontrar essas crianças, que hoje já são adultos e muitos me falam como isso foi importante, como os livros os ajudaram. É uma satisfação muito grande. E nestes tempos em que estamos no mesmo barco, o mundo inteiro enfrentando uma dificuldade enorme, a gente não sabe o que vai ser de nós ou do outro, o que vai ser da nossa vida, ninguém sabe. Aliás, a vida mais do que nunca, é hoje; amanhã a gente não sabe. E com esse lançamento, junto com outros trabalhos, acontecem as *lives* em grande número. É quando a gente consegue ter contato com as escolas, com os profes-

sores. E outra coisa muito mais interessante anda acontecendo nesses momentos, eu tenho a oportunidade de ter contato com os pais das crianças que participam das *lives*. Eu tive algumas experiências muito boas porque você está falando com as crianças e os pais estão ali ouvindo, eles querem participar e eu acho que isso tem sido muito positivo. Nesses momentos, surge a questão da minha profissão, eu sou artista plástica e autora de livros infantis e, em geral, os pais sempre mostraram uma preocupação em relação à sobrevivência das pessoas que optam por essa profissão. Na verdade, muitos queriam ser artistas, muitos nessa vida já quiseram ser artistas plásticos ou autores, ilustradores, mas as famílias sempre tiveram muita resistência, pela questão da sobrevivência, porque a pergunta que a gente mais escuta é: “Você faz o quê?” / “Sou artista plástica e autora de livros” / “Mas você vive de quê?” Como se isso não fosse suficiente para se viver. Na verdade, todas as profissões são muito difíceis e eu não vou falar que foi fácil, que é fácil viver de literatura e de artes plásticas, é muito difícil, mas você precisa ter coragem, assim como precisa ter muita coragem para ser feliz. A gente faz a opção por esse caminho, mas pode escolher um outro, como os pais sugerem muitas vezes aos filhos, e eu tenho conversado sobre isso nas *lives*. Mas hoje, nesse momento de pandemia, desse trem desgovernado que é essa doença, em que muita gente está trancada dentro de casa, o que não era comum, pois, em geral, os pais saíam para trabalhar, as crianças iam para a escola e, de repente, todos estão dentro de casa, e isso virou um desafio para as relações familiares. E, agora mais do que nunca, eu acho que é importante a gente pensar que a profissão que a gente escolhe não é a profissão que vai nos dar mais dinheiro ou uma casa bonita, um carro novo, a gente tem que escolher a profissão que faz a gente feliz, é isso que eu acho importante. Eu tenho percebido que os pais começam a olhar para esse assunto de uma outra forma e eu gosto de responder ao que me perguntam, ver a posição deles e falar da minha experiência. Eu tenho quatro filhos, é claro que a minha vida foi difícil. Primeiro pela profissão que eu escolhi, que eu sabia que era de muita luta, mas acho que tudo é muita luta, ninguém nasce pronto, é

um caminho que se tem a percorrer. Tomara que as famílias percebam que o mais importante quando um filho entra na escola, quando começa a se descobrir, ele começa a desenhar, para si próprio, o caminho daquilo que mais interessa a ele. Em geral, essas coisas aparecem dentro da escola porque a escola propicia o acesso ao conhecimento em todas as áreas. É importante deixar a criança escolher aquilo que faz bem, aquilo com o que ela sonha, aquilo que lhe dá prazer, porque não adianta ser um profissional sem o sonho, sem o prazer, não adianta, isso só vai produzir pessoas infelizes, aquelas que fazem coisas que não queriam estar fazendo, pessoas que têm profissões que não queriam ter. Então eu acho que todas as profissões têm isso, mas a de artista é a pior porque essa história “Só artista?”, “Mas você vive de quê?” Isso não deveria existir, eu vivo da minha arte, do meu sonho, do prazer que eu tenho de fazer o meu trabalho e isso constrói uma vida, então eu tenho gostado demais dessa história de estar em contato com os pais, com os professores que estão lá para orientar, para ajudar, para ensinar e eles também, às vezes, pensam isso em relação aos próprios filhos, medo de que queiram ser artistas. Eu tenho uma lembrança muito engraçada. Eu cresci ouvindo isso de minha mãe: meu pai me dava materiais e revistas de arte, minha mãe pedia pelo amor de Deus, fazia até promessa e novena para que eu não fosse artista, mas deu errado, eu acabei ficando com a arte, no fim ela aceitou e a gente foi feliz, mas demorou. Mas a minha mãe contava também que a mãe dela dizia que, se um filho tocasse violão, era para tirar o violão dele, porque era perigoso ele querer ser músico. É horrível isso, mas acontece em muitas casas, em muitas famílias. Quando eu falo de arte, falo em geral, falo da música, do teatro, cinema, dança, artes plásticas... Viver da arte pode ser difícil, mas tudo é possível quando você faz com amor, quando você acredita naquilo que quer fazer, quando acredita em si próprio, aí não tem como dar errado, pode ser difícil mas não tem como dar errado .

## **9. A partir da década de 70, percebe-se um aumento na produção literária voltada para crianças e jovens e, desde então, continua em expan-**

**são. Atualmente, os cursos, palestras, exposições, sites, blogs voltados à escrita infantil e juvenil têm contribuído para que essa literatura seja mais conhecida e reconhecida entre os leitores. Como você percebe esse percurso da literatura infantil e juvenil e, principalmente, qual a contribuição da ilustração nessa trajetória?**

Eu acho que a ilustração não conseguiu até hoje ser valorizada dentro do livro infantil como é o texto verbal e isso precisa ser repensado, porque os dois são linguagens importantes dentro da produção literária, tanto a imagem quanto o texto verbal têm a mesma eficácia, um não é superior ao outro. O livro infantil é feito de texto verbal e de ilustração, portanto há dois autores: um da imagem e o outro do texto. Às vezes, o projeto gráfico é feito pelo ilustrador. Eu faço o projeto gráfico da maioria dos meus livros e isso fica como se não fosse tão importante. É claro que o texto tem importância, mas a ilustração também tem. Já vi casos, em prêmios de literatura no Brasil, em que o livro é premiado e somente o autor do texto é citado, mas o livro é ilustrado e se esquece do ilustrador que também entrou nesse livro, que contribuiu, que interpretou esse texto pela primeira vez, ele é o primeiro intérprete do texto para poder montar o objeto livro. Então eu acho que ainda existem muitas complicações nesse meio, nesse mercado... Ainda há um olhar duvidoso para a participação do ilustrador como autor também de um livro. Eu acho que isso deveria mudar, que poderia ter uma relação mais delicada, são duas pessoas fazendo livro. O texto é feito primeiro, em algumas vezes, mas existem livros que começam primeiro pela imagem. Eu conheço um autor que uma vez pediu para que eu fizesse uma imagem para que ele escrevesse sobre ela. Isso me aconteceu duas vezes na vida, não é uma coisa muito simples, mas também é possível. E quem é o autor desse livro? Na verdade, os dois, da mesma forma, do mesmo jeito que acontece quando o texto vem primeiro e depois a ilustração. Ainda existem pessoas que falam com muita naturalidade sobre essa hierarquia, então acho que o mercado editorial e os especialistas poderiam olhar para esse assunto, isso poderia ser visto com mais carinho.

## **10. Como é o seu processo de criação nas artes plásticas? Há algum trabalho em andamento?**

A minha vida sempre foi associada à imagem. Eu tenho uma sensação de que tudo é um grande desenho que se move, se transforma, tudo nessa vida, tudo que a gente sente, enxerga e eu vou vivendo dessa maneira. A minha arte é tão natural, ela vem, eu transito muito tranquilamente entre uma coisa e outra, sem nenhum problema, eu saio de um trabalho que é um suporte diferente do outro. Eu tenho um volume de trabalho muito grande e um volume de lazer muito menor. Mas, na verdade, eu não acho que eu tenha pouco lazer, porque o meu trabalho me dá um prazer enorme, ele me dá tudo o que eu preciso, com ele tenho liberdade de criar, de pensar, eu tenho tudo, eu aceito como ele vem, não há nada preestabelecido. Dizer que vou “fazer isso por causa disso” é muito difícil, raramente eu tenho essa postura. Em geral, as coisas me vêm, eu tenho uma cabeça que não para de funcionar. Desde criança que eu criei um jeito de lidar com isso, eu imagino que minha cabeça tem inúmeras gavetas e cada uma delas guarda uma coisa diferente da outra, então elas não ficam trombando dentro da minha cabeça, não me incomodam. Porque elas estão em gavetas separadas e eu tenho a liberdade de abrir uma ou outra na hora que eu quiser. O que eu desejo fazer, eu sei onde está dentro da minha cabeça e eu vou buscar. Parece loucura, mas foi uma maneira que eu encontrei para ter disciplina no trabalho, porque é preciso disciplina. Tem coisas que eu começo que não têm um fim imediato, então eu coloco para dormir e aquilo fica numa espera. Enquanto dorme, eu faço outra coisa e quando eu volto, já tenho outras ideias e até soluções para algum problema que me surgiu durante o trabalho. Eu gosto muito de viver assim porque me dá um equilíbrio, eu me sinto equilibrada, parece que eu não sou uma pessoa equilibrada porque eu faço muita coisa ao mesmo tempo, mas, pelo contrário, eu tenho uma disciplina enorme. Eu gosto da palavra, quando as escrevo, tenho uma impressão de que elas ganham corpo, viram um objeto, uma escultura, têm ruído próprio. Elas têm uma matéria que,

se eu tocar, emitem um som. Eu amo a palavra e amo a imagem. E quando eu posso usar as duas no trabalho, para mim é magnífico, é fantástico. Mas, nas artes plásticas, o que eu percebi, desde muito cedo, é que eu gostava de quando não conseguia ficar com uma imagem só de um personagem ou qualquer coisa que fosse; eu, na verdade, ia criando narrativas e aquilo ia continuando, saía de uma tela para outra, de um desenho para outro, em sequência e não importando quanto tempo levou. Quantos dias eu gastei, quantos meses ou anos para elaborar uma série inteira e eu acabei percebendo que eram séries que um dia chegariam ao final, e eu não sei contar em que momento que eu percebo isso. Mas, de repente, muda e quando eu vejo, já estou fazendo uma outra coisa. Eu não questiono nenhuma coisa que acontece comigo em relação a isso, eu apenas obedeco, é como se aquilo já viesse pronto de algum lugar e que eu recebesse dentro de mim e eu elaboro, eu faço, eu construo aquilo que vem com aquela ideia. Eu nunca penso em um tema, jamais pensei em tema. Eles vêm tão naturalmente, é difícil que eu não tenha pensado em temas porque as séries têm títulos muito de acordo com o tempo em que a gente está vivendo. Como eu fiz a série *Os Homens de Toga* em um momento crítico do supremo do país e me deu uma vontade de fazer o juiz e do juiz veio uma série inteira. Eu fui seguindo o comando da minha criação. Tem uma outra série que eu abri: *Admiráveis Humanos*. Acho que depois de *os Homens de Toga*, eu comecei a olhar muito para as pessoas e também por causa da pandemia, comecei a pensar no que essas pessoas estão fazendo, essas pessoas que eu admiro, que passaram por esse mundo e que deixaram contribuições magníficas, que mudaram alguma coisa nesse nosso planeta, que deixaram um legado e que fizeram, às vezes, coisas tão simples, mas tão valiosas. E eu comecei a pensar na admiração enorme que eu sinto por elas. Eu admiro muita gente e se eu fosse ficar nessa série de admiração, acho que eu ia passar o resto da minha vida e não caberia todo mundo. Mas eu comecei pelo Milton Nascimento porque quando ele canta, eu flutuo, o canto dele é um hino, a voz do Milton Nascimento bate lá no céu nas estrelas, a gente não consegue ser a mesma pessoa depois de ouvir

Milton Nascimento, de ouvir a sua voz, que tem corpo, que se transforma em qualquer coisa que a gente queira e transcende tudo, então eu comecei com ele. Eu não o conheço pessoalmente, nunca convivi com ele, não sei nada da vida particular dele, porque não é isso que me move, o que me move é a sua obra, assim como a de outras pessoas. Depois fiz o Papa Francisco e Chico Xavier porque são duas grandes almas. Há pessoas que transformam a vida da gente, transformam o nosso olhar, ensinam coisas. Isso percebemos pelas mensagens, pela postura. Eu não sabia quem era o Papa Francisco antes de ele ser eleito Papa e depois eu tive interesse em saber, e faz tempo que eu estou pesquisando algumas coisas sobre ele, sobre a sua vida. Quando pensei em Chico Xavier, também fui pesquisar sobre a sua vida, e eu fiquei mais admirada ainda. Eu acho que essa série não tem jeito de acabar muito cedo, porque são muitas as pessoas que eu admiro. Eu fiz Chico Buarque porque quando o Chico Buarque compõe, também é a gente bater lá nas estrelas, a gente sai da terra e flutua por esse mundo, por esse universo e é grandioso a força da palavra na música do Chico Buarque, é um oceano de coisas e de coisas para se pensar, para sentir. Então, o que me faz fazer essa série é isso. Eu não estou interessada se as pessoas vão ser todas famosas ou não, não é a fama que me faz desenhá-los, não é o fato de serem pessoas públicas. Já fiz a Laerte, que é outra pessoa que eu admiro profundamente o trabalho, o talento e a postura dela diante da vida, diante de tudo, das diferenças, de lutar pelas coisas que são boas, para as pessoas que são o que são. Laerte tem um olhar generoso demais, eu acho isso incrível. Eu estou fazendo agora duas amigas que eu conheço, porque convivi com uma na minha infância e adolescência e conheci a outra depois, são duas pessoas guerreiras que lutam, que atravessam barreiras de preconceito, e eu acho isso muito bacana, acho isso muito, muito bonito. Essas são as pessoas que eu admiro. Claro que eu estou fazendo uma lista, eu comecei a entrar de cabeça, eu tenho algumas pessoas que eu quero muito fazer. Depois dessas minhas duas amigas, vou fazer a Nise da Silveira, Carolina de Jesus, Florestan Fernandes, Chico Mendes. E essas são as pessoas que eu estou pintando, agora, na lona de caminhão. Por que eu

estou usando a lona de caminhão? Era um sonho antigo meu pintar sobre lona de caminhão. Mas pensando na lona que andou por esse país todo, que carregou coisas dos outros, que carregou sentimentos, que carregou mudanças, que cobriu mudanças, que cobriu dor, que cobriu alegria, porque nem sempre a gente muda por alegria, às vezes é por dor e eu pensava naqueles caminhões, que cobriam as mudanças com lona. Eu ficava imaginando o que aquilo carregava, o que estava por baixo da lona. Faz muito tempo, faz anos e anos que eu tenho uma vontade muito grande de usar essa matéria para colocar outras coisas, para pintar pessoas, principalmente pessoas, e chegou essa hora. Eu sou muito paciente, porque às vezes eu tenho vontade de fazer alguma coisa e consigo esperar anos porque para fazer aquilo tem que estar dentro do meu coração, de uma maneira tão grande, a ponto de explodir, mas fica ali dentro guardado porque eu tenho uma cabeça grande, mas não tão grande a ponto de guardar tanta mercadoria que ainda vou usar.

#### **11. E quanto aos livros? Podemos esperar algum lançamento em breve?**

Tem uma outra experiência que está valendo muito para eu perceber algumas coisas sobre o caminho que eu percorro. Eu fiz um livro de imagem. Acho que já faz uns seis anos. Foi a época em que eu me mudei de Belo Horizonte para cidade de Gonçalves. Eu cheguei em Gonçalves com uma página desenhada e continuei. Estávamos vivendo uma situação muito difícil, com problemas na família, mas eu nunca deixei de trabalhar. Eu criei o livro de imagem com começo meio e fim, mas esse livro dormiu por um tempo, dormiu esses anos todos. A minha filha Clara é artista visual e no ano em que ela foi morar e trabalhar na Grécia, eu propus que pegasse a narrativa desse meu livro, não as minhas imagens, mas o que ela sentiu do livro e transformasse em outras imagens e ela teve a maior facilidade para fazer isso. Eu fiquei absolutamente surpresa porque ela pegou uma sequência minha de imagens, interpretou de um outro jeito, criou uma outra narrativa muito melhor do

que é que eu tinha feito. Ela seguiu com uma coisa e eu fui andando junto com ela, ela criando e eu acompanhando. Ela me mostrava as imagens e eu fui seguindo daqui, mas sem nenhuma interferência minha, porque aquilo já me não me pertencia mais. Eu propus a ela uma parceria, mas eu não sabia nem como seria essa parceria e ela transformou a personagem com outro papel e o cenário também já não era o mesmo. Ela pegou só o argumento da minha narrativa e transformou em outro livro, o que eu achei magnífico. E aí a minha proposta para ela foi que eu iria com o texto, mas tão livre quanto a imagem. E, na verdade, quando eu falo texto, significa que eu vou brincar com as palavras e eu estou muito curiosa, porque quanto mais vamos chegando ao final, mais a minha cabeça borbulha, porque cabem tantas histórias, cabe tanto texto dentro dessa história, que eu tenho que fazer uma escolha muito delicada e isso é uma experiência que eu jamais tinha vivido. Uma sequência de imagens não pode estar presa, assim como o texto não pode estar preso a uma imagem. Então acho que as duas têm o poder de serem únicas, e esse casamento, que foi uma brincadeira minha com a Clara, eu acredito que esteja dando certo.